

VAMIREH CHACON

Capitalismo, Socialismo e Cristianismo: uma perspectiva heterodoxa

O TÍTULO DÊSTE ENSAIO já anda bastante surrado; transformou-se, desde há muito, num desbotado “cliché”. Se tornamos a usá-lo, é porque pretendemos dizer algumas coisas heterodoxas em relação à “sabedoria convencional”, na expressão de Galbraith, da direita e da esquerda, cristã ou budista.

Começamos insistindo num tema o qual expusemos a assistentes da JUC, na Guanabara, em outubro de 1961, reproduzido na revista da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Recife, em junho de 1961, sob o título “Transformações do Capitalismo e do Socialismo”. Aí apontamos algumas das principais mudanças dos dois sistemas, hoje com fisionomias bem diversas de antigamente, embora guardando características fundamentais, porém de qualquer modo fazendo com que a discussão a respeito, no Brasil, seja típica do século XIX. O que não surpreende, pois já dizia Agripino Grieco que as idéias continuam a chegar na América Latina de caravela, o que vale dizer, alguma décadas após sua superação nas matrizes econômicas e culturais das quais continuamos, infelizmente, satélites.

Voltamos agora ao assunto das

transformações do Capitalismo e do Socialismo, desta vez com novos documentos.

O primeiro, e mais interessante, dêles, é o “compte rendu” do Colóquio Internacional consagrado à Teoria marxista do Desenvolvimento, realizado pela UNESCO, em colaboração com a Academia Polonesa de Ciências e a Escola Prática de Altos Estudos de Paris, de 16 a 20 de abril de 1962 em Varsóvia, publicado pela revista *Perspectives Polonaises*, na capital polaca, em agosto-setembro do mesmo ano, páginas 5-28.

Uma das conclusões do referido debate, tirada por Kowalik, da Polônia, foi que, “Com efeito, a Teoria econômica tende, no Socialismo, para êste gênero de evolução que podemos igualmente notar nos países capitalistas”. Isto é, conforme Hilferding previa, “a Economia Política evoluiria para transformar-se numa espécie de Ciência se consagrando à riqueza dos povos”. Haveria uma “desideologização” dos estudos econômicos nas etapas mais altas de Desenvolvimento, onde as soluções tendem, cada vez mais, a ser técnicas.

Tanto assim que Khruschchiov, em

discurso no XXII Congresso do PC da URSS, em 1961, insistia na adoção de técnicas oriundas de países capitalistas.

Com efeito, êle diz textualmente: “Não será um pecado aprendermos com os melhores exemplos dos capitalistas e acelerar a construção e o início do funcionamento de novas emprêsas”. “Devemos elevar a signaficação do lucro, da rentabilidade. Para melhor cumprir os planos, devem ser dadas às emprêsas maiores possibilidades de dispor dos lucros, de aproveitá-los com mais amplitude para estimular o bom trabalho do seu pessoal e para ampliar a produção. (*Aplausos*). Revestem-se de grande de importância a elaboração e a introdução de formas de estímulo coletivo a fim de interessar materialmente cada trabalhador não apenas nos resultados do seu trabalho, como nos de todo o trabalho coletivo”. (Informe sobre a atividade do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética ao XXII Congresso do PCUS — *Rumo ao Comunismo* — Editorial Vitória — 1962 — pp. 190 e 192).

Recomendação, aliás, antiga, pois Lênin escrevia na *Pravda*, em 28 de abril de 1918: “A possibilidade do Socialismo será determinada pelo nosso êxito em combinar o govêrno e a organização soviéticos com as últimas conquistas do Capitalismo. Devemos introduzir na Rússia o estudo e o ensino do nôvo Sistema Taylor, bem como a sua experimentação e adaptação sistêmáticas”.

Anos depois, em abril de 1924, Stálin, em conferências na Universidade Sverdlov, proclamava: “O Leninismo é uma escola teórica e prática, que forma um tipo particular de militante no

Partido como no aparêlho do Estado, que cria um estilo particular no trabalho, o estilo leninista. Quais são as características dêste estilo? Quais são as suas particularidades?

“Estas características são duas: a) o ‘élan’ revolucionário russo; b) o senso prático americano. O estilo do Leninismo é a aliança destas duas particularidades no trabalho no seio do Partido e no aparêlho do Estado”.

E o que significa “senso prático americano”?

O próprio Stálin responde: “O senso prático americano é a fôrça indomável que não conhece nem reconhece barreiras, que arrasta os obstáculos de todos os gêneros e espécie por sua industriosa tenacidade; que não pode deixar de levar até o fim a tarefa uma vez começada, por mínima que ela seja, fôrça sem a qual não se saberia conceber um sério trabalho de construção”.

Poucas pessoas terão prestado maior homenagem à eficiência dos Estados Unidos que Lênin e Stálin. Os incrédulos podem consultar as páginas 85 e 86 do 1.º volume de *Les Questions du Léninisme*, de autoria dêste último, publicadas pelas “Éditions Sociales”, do PC francês.

A “desestalinização” não modificou êste juízo soviético sobre a eficiência e produtividade dos Estados Unidos. As intervenções de Kruschchiov, no XXII Congresso do P.C. da U.R.S.S., o provavam.

Não poderia ser de outro modo.

Como enfrentar, com êxito, um adversário poderoso, se êle fôr subestimado?

A “Americanofobia” e “Capitalismo-fobia” delirantes de alguns países sub-

desenvolvidos, inclusive o Brasil, só podem, portanto, ser explicadas como atitudes irracionais, espasmos de recalques, cuja responsabilidade principal cabe mais a quem os infundiu em nós, e menos aos oprimidos.

Não pretendemos, com isto, justificar ou amenizar os erros do Capitalismo e dos Estados Unidos (aliás, o que se chama de "Capitalismo", propriedade privada preponderante nos meios de produção, vem sendo exercido cada vez mais pelo Mercado Comum europeu, inclusive pela França, "malgré" a oposição de grupos católicos "progressistas", em desvantagem por não terem nem programa próprio nem penetração nas massas, conforme provam os êxitos de De Gaulle e do PC).

Desejamos apenas sublinhar, com isto, a necessidade de compreender e usar estilos capitalistas, americanos, marxistas-leninistas, soviéticos, iugoslavos, poloneses, cubanos, etc., na medida em que se provem adaptáveis e eficientes na realidade brasileira. Causa muito fácil de aceitar em teoria, porém, mais difícil de superar os preconceitos, ou a inércia, na prática.

A mitologia, aliás, não existe apenas na esquerda.

Gunnar Myrdal tem se esforçado em diminuir os equívocos também na direita (tomando "esquerda" por "renovadores" e "direita" por "conservadores"). No seu último livro traduzido para o português, *O Estado do Futuro*, publicado pela Zahar Editôra (Rio), em inglês muito melhor expresso como *Beyond The Welfare State*, êle escreve: "Nos países ocidentais uma das controvérsias menos esclarecidas e menos inteligentes em nossa época tem sido

aquela relacionada com a questão de se devermos ter uma economia 'livre' ou uma economia 'planificada'. Tal controvérsia sempre foi irrealista e cada vez mais assim se apresenta. A vida em nossas coletividades nacionais e os nossos problemas práticos reais não podem ser enfrentados adequada e propriamente, se colocados em tais termos de antítese".

"A expressão 'economia planificada', contém, é claro, uma tautologia evidente, já que a palavra 'economia', em si mesma, implica numa atribuição de meios disponíveis para se atingir um fim ou um objetivo. Acrescentarmos 'planificada' à mesma, para indicar que tal coordenação de atividades tem um objetivo, não faz sentido e, pelo menos, podemos afirmar que não é um bom emprêgo de palavras. A linguagem, como sabemos, encontra-se repleta de coisas ilógicas, mas raramente estas se derivam, como neste caso particular, diretamente do idioma, erudito.

"O motivo pelo qual essa expressão tautológica se tornou necessária para exprimir o pensamento reside no significado da palavra 'economia', como foi empregada na teoria econômica liberal, desde sua criação, há mais de duzentos anos. Naquela teoria, a palavra exprimia a concepção teleológica da realização não-objetiva a um intuito e viu-se, assim, privada de seu significado original e comum, o da atividade de planejamento ou doméstica.

"Tal conceito de uma direção automática da vida econômica em busca de um objetivo inerente, isto é, de uma 'planejamento não-planejado', foi a noção de valor metafísico fundamental existente naquela teoria, porquanto

crescera ela dentro da estrutura das filosofias da lei natural e do utilitarismo. Floresceu, com especial vigor, naqueles ramos da especulação econômica que agrupamos sob o termo coletivo de *laissez-faire*. (Para exprimir a atitude política oposta, a de que o processo econômico deve ser intencionalmente dirigido, foi inventada a expressão tautológica “planejamento econômico”).

“Tal idéia de planejamento econômico foi geralmente relacionada a Marx e ao Marxismo. Nisso há um erro de fato. Nem acredito mesmo que a expressão ‘planejamento econômico’, ou ‘economia planificada’, *Planwirtschaft*, possam ser encontradas nos trabalhos de Marx.

“Marx não era um planificador, e sim um analista e um previsor. Na primeira qualidade, exerceu imensa influência sobre as atitudes fundamentais no estudo da História e na Sociologia. Na Economia, sua influência mostrou-se especialmente forte nas teorias da flutuação de desenvolvimento dos negócios. Como já indiquei em outras ocasiões, a influência de Marx foi principalmente forte nas Ciências Sociais da América, e mais forte ainda na Sociologia, embora muitas vezes tenha sido inconsciente e raras vezes reconhecida”.

Esta longa citação, das páginas 23 e 24 da referida obra de Myrdal, apresenta-se clara, embora esqueça o extraordinário papel de Lênin, que adaptou, à planificação, as aspirações de uma Economia socialista segundo Marx.

Se, porém, a rejeitamos por soar como “reação”, embora Gunnar Myrdal seja um autor festejado pelo ISEB, que publicou em 1960 seu livro *Teoria Eco-*

nômica e Regiões Subdesenvolvidas, então recorramos a Oskar Lange, professor de Economia em Varsóvia, ex-diretor da Comissão Central de Planificação do seu país e hoje um dos seus vice-presidentes da República. Refutando as acusações de Hayek, Mises e Robbins, que uma Economia socialista não poderia, pura e simples, funcionar, por não haver ali uma autêntica Economia de mercado, baseada na demanda e na oferta, e sim preços artificiais ditados pelo Estado, Lange mostra como, pelo contrário, seria a Economia socialista onde a demanda estaria melhor sincronizada com a oferta, pelo planejamento estatal que dominaria, melhor que qualquer empresa privada, a função paramétrica dos preços, evitando a super-produção e o sub-consumo. Conclui Lange: “O atual sistema capitalista é muito melhor descrito pela análise de Joan Robinson e do professor Chamberlin, que por Walras e Marshall. Porém o trabalho destes últimos dois será muito mais útil para resolver os problemas de um sistema socialista”. (*On The Economic Theory of Socialism* — The University of Minnesota Press — p. 108).

Isto é, a competição imperfeita foi melhor exposta por Robinson e Chamberlin, porém a competição perfeita o foi por Walras e Marshall.

Ora, estes últimos passam por apologetas do regime capitalista, e os dois primeiros por seus desmascaradores.

Lange revela, porém, suas verdadeiras dimensões: a de analistas de um determinado sistema imperfeito, o capitalista, e a de analistas de um outro perfeito, do qual os socialistas pretendem se aproximar mais que os capitalistas.

Walras e Marshall são, assim, des-

bravadores dos novos tempos e não superados apologistas da burguesia, como querem os simplistas, alguns dos quais se escandalisavam por ainda citarmos, em aula e em ensaios, os mencionados autores...

Como consequência também do que escreve Lange, concluímos a impossibilidade da planificação de cima para baixo, como, aliás, se fêz e se faz em alguns países ditos socialistas. A planificação tem de vir de baixo para cima, sincronizando a demanda e a oferta, com um conhecimento mais amplo da função paramétrica dos preços; isto é, qualquer planejamento, que ignore o mercado, é um nôvo Procusto, e está fadado ao fracasso, tarde ou cedo.

A Economia tem suas leis. Ninguém as viola impunemente.

É o principal: só uma visão jônica do Mundo e uma concepção da História condicionada, em última instância, pela economicidade, podem fornecer uma interpretação realista da sociedade. Sorokin e Seligman lembram os pensadores que precederam Marx nestas formulações; pode-se também recordar os que o sucederam. Enfim: não se trata de um monopólio clericalista, porém de dados científicos incorporados ao acervo da Humanidade.

Para romper os dilemas em que se encontram, não bastam, aos cristãos Lammenais, Mounier, Lubac ou Lebreton. Cumpre atacar a raiz do problema, com o Evolucionismo de Teilhard de Chardin e o Criticismo de Karl Rahner. Experiências válidas para os protestantes, que já têm os seus Bultmann e Barth, também úteis para os católicos.

Sem isto continuarão os “cristãos sociais” a se debaterem como baratas ton-

tas, embaraçadas na teia das suas conciliações impossíveis, tipo Santo Tomás de Aquino + Marx, ou Heidegger e Sartre + Santo Agostinho, etc. Sempre o esforço de “batizar” a moda, sem uma profunda reformulação de si mesmos, para então sintonizar com os fatos.

Estas supostas e superficiais sínteses podem auto-satisfazer os seus autores, porém são de uma esterilidade histórica a tôda prova, conforme provam os fatos. Não arrancam os seus autores do reboque da História e do satelitismo em torno das correntes mais poderosas, com as quais tentam confusamente se identificar, procurando partilhar de êxitos, aos quais em muito menor escala contribuíram.

Aliás, não é nova a pretensão de exibir-se com o êxito alheio; também o Integralismo representou outra tentativa de alguns cristãos, daquela vez em relação ao Fascismo. Lembramos Plínio Salgado em 1932: “Roma fascista, tão caluniada pelos demagogos ébrios da cocaina libertária, constitue atualmente a suprema garantia da liberdade”. “É sob êsse aspecto que devemos considerar o Fascismo: como último reduto da liberdade, arca da aliança, que levará sôbre o dilúvio do mundo contemporâneo, o segredo da constituição do Estado humano e dos rhytmos dos movimentos sociaes”. (“Como eu vi a Itália” — *Hierarchia* — março-abril — 1932 — pp. 203 e 204).

E Michael Schimaus, ainda hoje prestigioso teatrologo católico, ousou afirmar que, “a História (isto é Deus), deu o poder ao Nazismo e só “uma objetivação cega e individualista se revoltaria contra o destino de todo ser”. (*Begegnungen zwischen katholischen Christen-*

tub und national-sozialistischer Weltanschauung, Muenster 1933, apud Josep Rovani, *Le Catholicisme allemand au temps d'Hitler*, *Esprit*, Dezembro, 1955, p. 1831).

O fenômeno tem suas raízes.

Já Alexander Herzen, o magnífico revolucionário russo do século XIX, escrevia: "No passado, havia pelo menos uma certa unidade; a loucura era epidêmica e não se lhe notava; o mundo inteiro estava no êrro; havia dados gerais, a maioria absurdos, porém que todos admitiam. Em nossos dias tudo é de outra maneira: os preconceitos do mundo romano acompanham os da Idade Média, o Evangelho vai ao lado da Economia Política, Loyola com Voltaire, o Idealismo em palavras e o Materialismo em fatos; uma Moral retórica abstrata e uma conduta que lhe é diametralmente oposta. Esta massa de idéias heterogêneas se assimila em nosso espírito sem qualquer ordem. Quando atingimos nossa maioridade, estamos demasiado ocupados, demasiado preguiçosos e, talvez, demasiado covardes também para submeter nossas regras de Moral a um julgamento severo; também as coisas permanecem na sombra.

"Esta mistura de idéias em nenhuma parte vai tão longe quanto na França. Em regra geral, aos franceses falta educação filosófica; êles apreendem as deduções com muita perspicácia, porém de um modo unilateral; suas deduções permanecem dispersas, sem unidade que as ligue, sem mesmo ser remetidas ao mesmo nível; daí as contradições a cada passo e a necessidade, falando com êles (franceses), de voltar a princípios conhecidos de longa data, de repetir como coisa inédita, verdades enunciadas por

Spinoza e Bacon". (*Textes Philosophiques Choisis*) (Editions en langues étrangères) (Moscou — 1948) (pp. 491 e 492).

Estaremos, porém, nos contradizendo, ao afirmar algo diante dos assistentes da JUC em outubro de 1961 e na Revista da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Recife em junho de 1962, e depois, no 1.º número de *Estudos Universitários* e neste atual, afirmar a impossibilidade de uma Revolução econômica e política "cristã"?

Cremos que não.

O fato do Capitalismo e do Socialismo irem assumindo, cada vez mais, expressões técnicas, e, cada vez menos, expressões ideológicas, isto não significa que a ideologia não tenha importância, nem que a mensagem cristã seja capaz de comandar, e não apenas de contribuir, para uma revolução econômica e política

Quanto ao primeiro aspecto, as ideologias continuam importantes, embora próximas ao ponto de exaustão, pois a "ideologização" do mundo, como racionalizada justificação de interesses, está chegando ao máximo, contagiando tôdas as classes e nações. Thurman Arnold, num livro original intitulado *The Folklore of Capitalism*, lembra que "as instituições sociais exigem fé e sonhos", "crenças irracionais e ilusórias em ideias e princípios", "que são inconsistentes em qualquer parte", mas a "eficiência dos quais não pode ser ignorada". Tal racionalização é bivalente: quando "dogmática", se torna "obstáculo e não auxílio", alimentando "a enfermidade social da escravidão aos símbolos"; quando, porém "cética", "funcional", "tem um caráter libertador".

Portanto, pode ser útil a ilusão néo-liberal que a Liberdade continua intangível, ou a ilusão néo-marxista que a Igualdade é a justificação de todos os sacrifícios, mesmo os de Stálin, como foi útil, para expulsar o invasor nazista, o entusiasmo dos guerrilheiros iugoslavos, que morriam com o nome, então sagrado, de Stálin, na boca, segundo Tito relata na sua autobiografia ditada a Vladimir Deidjer.

O nosso ceticismo diante das ideologias provem das contradições que assistimos, por exemplo, dos corifeus de Stálin, que o chamavam de “guia luminoso da Humanidade progressista”, erigindo-o em dogma intangível, e depois concordavam com Khruschchiov, não só no celeberrimo discurso no XX Congresso do PC da URSS, ainda hoje divulgado apenas extra-oficialmente, como no do XXII Congresso, publicado por oficiosas editoras comunistas. Nêste último (ob. cit.), êle afirma textualmente: “Morreram milhares de pessoas inteiramente inocentes e cada homem é tôda uma história. Morreram muitas personalidades do Partido, do Estado e do Exército”. (p. 265) “Os camaradas propõem perpetuar-se a memória dos destacados militantes do Partido e do Estado que foram vítimas de repressões infundadas no período do culto à personalidade.

“Consideramos que a proposta é justa. (*Tempestuosos e prolongados aplausos*). Seria justo encarregar ao Comitê Central a ser eleito pelo XXII Congresso de resolver favoravelmente essa questão. Talvez se deva erigir um monumento em Moscou, a fim de perpetuar a memória dos camaradas que fo-

ram vítimas do arbítrio. (*Aplausos*)”. (p. 267)

Resolvido o problema?

Ainda não...

Continua o interminável debate entre “revisionistas” e “dogmáticos”, com as súbitas mudanças sem um crivo axiológico exato. Por exemplo: Tito, acusado tão frequentemente de Revisionismo, recebeu recentemente consagrada recepção em Moscou. E os métodos vigentes na Albânia, protegida pela China vermelha, são considerados por Khruschchiov, piores que na Rússia tsarista (sic): “Pois até mesmo nos mais negros tempos de reação desenfreada, os sátrapas tsaristas, verdugos dos revolucionários, não se atreviam a executar mulheres grávidas. No entanto, num país socialista (a Albânia), condenava-se à morte e se executava uma mulher que ia ser mãe (Liri Guega, antigo membro do Birô Político do Comité Central do Partido Albanês do Trabalho — Comunista), numa demonstração de crueldade absolutamente injustificável. (*Animação. Exclamações: ‘Vergonha! Vergonha!’*)”.

E por que?

“Certamente consideram que, por tal caminho, estão preparando o terreno para serem dignos das dádivas dos imperialistas. Os imperialistas estão sempre dispostos a pagar os trinta dinheiros a quem levar a cisão às fileiras dos comunistas. Mas êsses dinheiros nunca trouxeram a ninguém senão desonra e vergonha. (*Aplausos*)”.

Sem dúvida a acusação de suborno é devolvida, com juro, pelos acusados...

Qual a conclusão disto tudo?

Não adianta mesmo mudar, é melhor conservar o Capitalismo, porque no fi-

nal das contas tudo dá no mesmo?

Não.

As mudanças são inevitáveis e vitais para a História. Nela não há imobilismo. Nela os extremos são frequentes: lembremos, por exemplo, a Revolução Francesa ou a Russa.

Contudo, o intelectual, capaz de compreender mais amplamente a realidade, tem, por consequência, obrigação de denunciar os abusos e de usar as ideologias como instrumentos funcionais de transformação da sociedade, submetidos porém ao Humanismo científico, pluralista e pragmático que tende cada vez mais a predominar como o fio da meada da História.

Quando, no primeiro número da nova revista *Tempo Brasileiro*, defendemos a hegemonia do Marxismo como ideologia das atuais transformações revolucionárias brasileiras, assim agimos não por idolatria, mas por um critério funcional, instrumental, dado o “élan” realista do Marxismo em nossos dias.

Qual a possibilidade do Cristianismo comandar a tal Revolução econômica e política? Sem mitos, ela não avança. Concordam, então, os cristãos em fabricá-los em massa?... E para “desideologizar-se” há um longo itinerário, durante o qual serão usados todos os meios, e após o qual crescerá a necessidade de um Humanismo científico ainda não elaborado pelos cristãos. É o próprio Albert Einstein que lamenta sua ausência, exclamando: “Um dos contemporâneos disse, e não sem razão, que os pesquisadores sérios representam, em nossa época, os únicos homens profundamente religiosos”. (*Cómo Veo el Mundo* Ediciones Siglo Veinte, tradução argentina dos seus pensamentos em alemão).

O caminho que resta consiste em enfrentar a tempestade ideológica, optar pelo que parecer necessário, ter coragem para a Heterodoxia, rejeitar as catalogações municipais ou internacionais, repelir a “carneirada” de direita ou esquerda — Pangloss ou Panurge, contribuir para a construção do Humanismo científico — porém não científicista — que virá, incorporando a Logística, a Cibernética, a Tecnologia, etc., em luta contra o crescimento universal do Hedonismo agnóstico.

É, por conseguinte, indispensável a repulsa ao Clericalismo, como “propriedade privada da Verdade” por um grupo ou facção, seja êle “soi-disant” cristão ou marxista, muçulmano ou fascista.

Para isto cumpre possuir a coragem de Galileu, Servet, Maiakovski, Essenin, Pasternak, Evtuchenko (vivo na U. R.S.S.), Andritch (também vivo na Iugoslávia), de Sartre, Futchik, Lukács, Rahner ou Teilhard de Chardin.

Ou, no Brasil, de Décio Pignatari, no seu artigo no último número de *Estudos Universitários*, e de Haroldo Campos no 2.º número de *Tempos Brasileiros*, reagindo contra a formalista “Arte” enlatada, mesmo com o rótulo “populista-revolucionário”.

A Heterodoxia é fecunda porque pioneira, profética.

Sua maior desgraça consiste na esteotipação como nova Ortodoxia. Vide a caricatura de Marx no Stalinismo e Néo-Stalinismo...

A Ortodoxia mais típica reside no perfeccionismo pseudo-historicista, pretendendo a total adaptação do Homem a fórmulas pré-concebidas, supostamente extraídas da experiência coletiva. São os novos Procustos, generosos hospedei-

ros que cortam ou esticam o visitante na tépida cama com que os abrigam da inclemência do inverno. São os fantasmas perseguindo D. H. Lawrence, Orwell, A. Huxley, presentes n'O Processo de Kafka e na mensagem do escritor polonês contemporâneo, residente em Varsóvia, Stanislaw Len, que descreve o imaginário planeta chamado "Pinta", tão árido que necessitava de irrigação, a qual foi atendida pelos burocratas, porém além do preciso, quase afogando a população proibida de engasgar-se em voz alta: "O elemento que deveria ter sido dominado, simplesmente os dominou (aos homens). Como ninguém estava preparado para admiti-lo, o próximo passo inevitável era declarar que tudo estava como deveria ser". Soli-citude parecida com a dos generosos sacerdotes; que, na longínqua República Guaraní dos séculos XVII e XVIII, regulamentaram tudo, inclusive a hora do "multiplicai-vos", anunciada pela sineta da comunidade...

Panurge precedeu assim Pangloss...

Não se confunda, porém, a Heterodoxia com a fobia à Organização, indispensável no mundo industrial moderno, mais do que nunca, para a sociedade

funcionar com eficiência. O setor liderante, inclusive portanto o PC, vale enquanto vanguarda representativa dos interesses da maioria, exercendo aquela função que Maritain chamou de "minorias proféticas e dinâmicas". O setor liderante só merece ataque quando esclerosado como casta. O limite entre êstes graus é impreciso e só as circunstâncias históricas o indicam. Já dizia Nietzsche que o Homem vive perigosamente...

Poderá, contudo, o Homem, como um todo histórico, engajar-se para sempre no prometêico Não-Conformismo?

Êste é o grande problema, pois é muito mais cômodo demitir-se nas mãos pro-custaneamente paternais do Clericalismo, que enfrentar os mortais perigos do desafio.

Até lá, porém, a missão do intelectual pioneiro consiste em seguir a sugestão de Thurman Arnold: "...the practical nature of the problem is invading the sanctuary and is troubling the priests".

Numa era de "stardartisação" em massa, ainda é o Supremo Heroísmo; os outros são sua consequência.

RÉSUMÉ

POUR l' auteur, les modifications survenues au capitalisme et au socialisme sont d'une telle importance qu'elles rendent désuètes les façons traditionnelles de poser la question.

La première de ces modifications accomplie dans les nations les plus évoluées des deux groupes, se produit dans le sens d'une "désidéologisation" commune, ce qui les conduit à se rapprocher par l'adoption de techniques avancées communes. L'auteur constate, alors, la différence avec la façon d'agir actuelle dans les régions sous-développées, comme le Brésil, où une "capitalismophobie", et une "communismophobie" sont des formes idéologiques et non scientifiques.

L'auteur présente sa deuxième hétérodoxie dans la négation que les idées des "chrétiens sociaux"

aient une quelconque actualité. Pour rompre les dilemmes dans lesquels ils se trouvent il ne suffit pas aux chrétiens d'avoir Laménais, Mounier, de Lubac ou Lebreton. Il faut attaquer la racine du problème: accepter l'Évolutionisme déjà défendu par Teilhard de Chardin et la Critique de Karl Rahner. Ces expériences sont valables pour les protestants qui ont déjà leurs Bultmann et Barth, utiles également pour les catholiques. "Seule une vision jonique du monde et une conception de l'Histoire conditionnée" peuvent en dernière analyse fournir une interprétation réaliste de la Société, tandis que les "chrétiens sociaux" se débattent dans des conciliations impossibles du type "Saint Thomas D'Aquin + Marx, ou Heidegger et

Sartre + Saint Augustin". C'est pour cela qu'ils demeurent à la remorque de l'Histoire.

Revenant cependant au rôle joué par les idéologies dans les nations avancées des deux groupes, l'auteur ajoute que "le fait que le Capitalisme et le Socialisme assument de plus en plus des expressions techniques et de moins en moins des expressions idéologiques, ne signifie pas que l'idéologie n'a aucune importance, ni que le message chrétien ne soit pas capable de commander, et non pas seulement de contribuer, à une Révolution économique et politique". Ainsi il y a une "désidéologiation" sur le plan technique et en même temps une pression idéologique sur de plan politique. Face à cette emphase de l'idéologie, repandue par des méthodes de plus en plus puissantes et efficaces de divulgation, l'auteur exige de l'intellectuel une position d'alerte. Rappelant la récente virivolté dans la façon de considérer Staline, l'auteur

ajoute que l'intellectuel a "l'obligation de dénoncer les abus et d'utiliser les idéologies comme des instruments fonctionnels de transformation de la Société, soumis cependant à l'Humanisme scientifique pluraliste et pragmatique, qui tend de plus en plus à prévaloir comme le fil conducteur de l'histoire".

Cette obligation augmente à mesure que les moyens les plus efficaces de communication, la presse, la radio, la télévision, sont plus rapidement suffoqués par les déviations idéologiques, ce qui est un phénomène commun aux deux mondes.

L'hétérodoxie — ce qui ne doit pas être confondu avec la phobie de toute organisation —, la vigilance contre le dogmatisme, voilà la porte sur laquelle l'intellectuel contemporain doit s'imposer de veiller.

Jusqu'à quel point cependant, conclue l'auteur, cette acceptation de vivre dangereusement réussira à vaincre la séduction du conformisme?

ABSTRACT

FOR the author, the changes undergone by Capitalism and Socialism are so wide that the traditional attitudes towards this issue may be regarded as outdated.

The foremost change has taken place in the most developed nations of both groups through a process of ideological emptying which has led them to get nearer each other by adopting the most advanced technology. On the other hand, the underdeveloped areas, of which Brazil is an example, fall into a sort of Capitalismophobia and Communiphobia that express ideological rather than scientific attitudes.

In their turn, "social Christian" ideas have no objectivity. In order to overcome the dilemmas they are in, authors like Lammenais, Mounier, Lubac, and Lebreton are of little help. It is for the social Christians to go into the heart of the matter, that is to say, to accept both the theory of evolution, as maintained by Teilhard de Chardin, and Karl Rahner's criticism. These are valid experiments for Protestants, who have their Bultmann and Barth, also useful for Roman Catholics. Only an Ionic view of the world and a conception of History conditioned on economics can provide a realistic interpretation of society. The social Christians, by thrashing about in impossible conciliations such as those aiming at mixing either St Thomas Aquinas and Marx, or Heidegger and

Sartre plus St. Augustine, cannot help falling behind in History.

To come back to the role played by ideologies in the advanced nations of both groups, the author says: the fact that Capitalism and Socialism have been assuming features more and more technical and less and less ideological should not lead one to think that ideology is pointless or that the Christian message is not able to command, and not only to contribute to, an economic and political revolution. Thus, the ideological emptying at the technical front finds its counterpart in the ideological pressure at the political front. Such a stress on ideology demands a special alertness from the intellectuals. The recent reshuffle concerning Stalin's reputation demonstrates that the intellectuals must denounce fallacy and make use of ideologies as workable instruments for changing society, yet submitted to a scientific, pluralistic and pragmatic Humanism which tends more and more to appear as the thread of History.

The responsibility placed upon the intellectuals augments at the same time that the modern mass media get choked up with ideological distortions. Heterodoxy (which is not to be taken for any kind of dislike for organization), vigilance over dogmatism is the very business of contemporary intellectuals. However, to what extent can such an attitude withstand the enticement of complacency?